

## A conceitualização de violência e futebol

Luciane Corrêa Ferreira\*

### Resumo

*Este artigo apresenta a linguagem metafórica, assim como a metonímica, relacionada a futebol que surgiu em interações discursivas entre os participantes, quando eles conversaram sobre a convivência com a violência nas áreas urbanas do Brasil. Utilizamos uma abordagem da metáfora à luz da dinâmica do discurso que sustenta que as metáforas utilizadas pelas pessoas na fala refletem suas emoções e opiniões. A análise foi centrada em dados recolhidos a partir das discussões de um grupo focal em Belo Horizonte, Minas Gerais. Nossa pergunta de pesquisa é: Por que os participantes usam linguagem figurada relacionada com o futebol quando falam sobre violência? Adotamos a análise do discurso à luz das metáforas (CAMERON et al., 2009), o que nos permite refletir sobre a maneira como os brasileiros enfrentam situações de violência urbana e sobre a linguagem figurada que eles usam para conceitualizar a violência.*

### Palavras-chave

*Violência urbana; futebol; linguagem figurada; metáfora*

### Abstract

*This paper presents metaphorical as well as metonymical language related to soccer which emerged in discursive interactions among participants when they talked about living with violence in urban areas of Brazil. We take a discourse dynamics approach to metaphor that holds that the metaphors people use in talk reflect their emotions and understandings. The analysis center on data gathered from the discourse produced by one focus group in Belo Horizonte, Minas Gerais and one focus group in Fortaleza, Ceará, Brazil. Our research question is: Why do participants use soccer related figurative language when they talk about violence? We adopted metaphor-led discourse analysis (CAMERON et al., 2009), which enables us to reflect on the way how Brazilians face situations of urban violence and the figurative language they use in order to conceptualize violence.*

### Keywords

*Urban violence; soccer; figurative language; metaphor*

---

\* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras – Universidade Federal de Minas Gerais.

## 1. Introdução

A violência urbana no Brasil passa por um descaso com os problemas sociais que os cidadãos vivem no seu cotidiano. De acordo com dados recentes, uma média de 130.000 homicídios ocorre diariamente no Brasil (GARCIA, *Bom Dia Brasil*, 14.03.2011). Portanto, a realidade da violência no futebol no Brasil parece estar relacionada à situação socioeconômica e aos índices gerais de violência no país, que é crescente e generalizada.

Existe uma similaridade experiencial entre ações que desempenhamos em nossas vidas e a prática de jogos (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Em um estudo realizado por Ferreira (2011), buscamos investigar expressões metafóricas motivadas pelo futebol na mídia brasileira. Objetivamos discutir que domínios experienciais fonte vão mapear o domínio-alvo futebol e vice-versa? Estudos apontam que expressões metafóricas para descrever esportes e jogos frequentemente são motivadas pelos domínios experienciais ARTE, GUERRA, RELIGIÃO E VIOLÊNCIA (SIMÓ, 2009). Quando um repórter afirma que “a torcida não conseguia ver sangue durante o jogo”<sup>1</sup>, o domínio experiencial VIOLÊNCIA é ativado, a fim de descrever a experiência abstrata de sofrimento envolvida quando os fãs assistem a um jogo de futebol. Simó (2009) distingue entre o domínio experiencial VIOLÊNCIA E GUERRA na conceitualização do xadrez, pois a autora argumenta que nem todas as expressões do domínio experiencial GUERRA, utilizadas para falar do esporte, são violentas, mas sim se referem à estratégia. O mesmo se aplica ao futebol, pois falamos de tática, ataque e defesa em futebol, e tais conceitos não estão necessariamente relacionados a atitudes violentas no campo.

As culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 1999, p. 50). A *narrativa da nação* (p. 52) fornece estórias, imagens, símbolos e rituais nacionais, como o jogo de futebol, a própria figura do Pelé e a imagem do troféu da Copa do Mundo, só para citar alguns, que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação, que nos unem como povo.

No caso de uma final de Taça Libertadores da América, o conceito de nação

---

<sup>1</sup> DVD Penta a hegemonia do Flamengo, 2009.

emergiu para reforçar a rivalidade entre povos na luta entre torcidas, como foi o caso na partida da final da Libertadores da América entre Grêmio e Boca Juniors, ocorrida em Porto Alegre em 2007, que suscita a clássica rivalidade no esporte entre Brasil e Argentina. Então, o conceito de NAÇÃO (P. FERREIRA, 2010) pode ser determinante para a conceitualização da violência entre torcidas, da conceitualização do time como raça.

## **2. Futebol e violência**

O futebol representa uma parte importante da vida e da cultura brasileira e tem sido frequentemente encarado como uma prática social voltada para a não violência, para uma iniciativa concreta de inclusão e cidadania. Isso se refere a esportes em geral, mas tendo em vista a popularidade do futebol, ele tem sido empregado com o objetivo de integrar, por exemplo, veja-se iniciativas de promover o jogo de futebol entre meninos judeus e palestinos em Israel ou, para citar outro exemplo do Oriente Médio, veja-se também o papel emancipatório que o futebol feminino desempenha no Irã, possibilitando que mulheres possam ficar sem véu, tematizado em filmes recentes como *Football under cover* e *Offside*. O futebol pode ser “um processo lúdico que ajuda a reeducar, uma vez que sua lógica está fundamentada, em tese, na igualdade de oportunidades, no respeito às diferenças e na assimilação de regras e normas de convivência com o outro” (MURAD, 2007, p. 12). Iniciativas como o “Esporte na madrugada”, um programa que busca promover o jogo na hora em que ocorre a maior parte dos crimes no Distrito Federal (DF), teve como resultado uma redução significativa nos índices de criminalidade nos últimos onze anos.

Já que o futebol é considerado uma metáfora da sociedade e uma representação da vida social, a violência presente na sociedade brasileira tem se refletido nos campos. O futebol – e os esportes em geral – são frequentemente descritos na Sociologia como rituais de violência simbólica com um objetivo civilizatório (ELIAS, 1994) por desestimularem a violência direta. A manifestação dessa violência, uma corda-bamba entre o real e o simbólico, seria sempre acionada por um estímulo externo, como a impunidade, o descaso das autoridades e de políticas públicas, assim como por uma estreita relação com outras questões referentes à agressividade direta, como tráfico de drogas, xenofobia e racismo; ou indireta, como pobreza e exclusão social.

Portanto, o futebol não é violento, embora historicamente esteja associado a rituais de guerra e isso se reflita na linguagem utilizada para falar de e descrever o

futebol, em que encontramos termos empregados no domínio experiencial GUERRA, como “tática”, “ataque”, “defesa”, entre outros. Os exemplos de violência no futebol que chamam mais atenção acontecem fora de campo e estão relacionados à atuação das torcidas organizadas no Brasil e ao fenômeno do hooliganismo na Europa. Embora um índice de violência de 5% (MURAD, 2007, p. 21) no futebol brasileiro seja considerado problemático, a mídia sensacionalista faz com que a sensação de insegurança com relação a ida do espectador brasileiro aos estádios de futebol aumente.

Este estudo foi desenvolvido em colaboração com o projeto *Metáfora e a constante ameaça de violência urbana no Brasil*, coordenado pela Profa. Ana Cristina Pelosi em Fortaleza, Ceará, e do qual participam ainda professores da Universidade de Caxias do Sul e da Universidade Federal de Minas Gerais. O projeto guarda-chuva é coordenado pela Profa. Lynne Cameron da *Open University*, Milton Keynes, Reino Unido e investiga como a linguagem figurada é empregada na interação para se falar de atos terroristas, sendo também objetivo do projeto comparar os dados sobre terrorismo com os dados sobre violência urbana no Brasil.

Cameron (2003) sugere que, para se compreender a metáfora, é necessário entendê-la no seu uso dialógico como parte integrante do uso da língua, como propõe Bakhtin. A língua é aqui entendida como sistema dinâmico complexo, assim, nas interações, o fluxo discursivo ocorre como um processo de “pensamento-e-fala”, em que o uso de hífen na expressão sinaliza a estreita relação entre pensamento e linguagem. “Pensamento-e-fala” é um processo dinâmico e dialógico que exige a co-construção situada por parte dos participantes da palavra do outro e a sua adaptação, a partir dessa compreensão, na proporção que intenções e emoções evoluem no fluxo do discurso. Dessa forma, cognição e linguagem são indissociáveis. As metáforas que emergem no discurso fazem parte de um processo dinâmico em constante mudança, motivado por fatores cognitivos, socioculturalmente situados, e fatores linguísticos. Objetivamos, assim, partindo-se do discurso produzido por informantes, vítimas diretas ou indiretas de violência em situações de interação de fala em grupo, verificar a emergência e constituição de expressões figuradas para conceitualizar a violência.

O método de análise do discurso baseado em metáforas trabalha com linguagem metafórica, especificamente, com veículos metafóricos (CAMERON, 2008) emergentes no discurso. Após a transcrição das gravações, as metáforas linguísticas são identificadas e codificadas. Em seguida, padrões de sistematicidade são identificados e

examinados. Estudos realizados anteriormente apontaram para o fato de que as metáforas utilizadas pelos falantes revelam informações úteis sobre suas ideias, atitudes e valores. Por exemplo, o estudo de Cameron (2003) evidenciou que as metáforas utilizadas em interações em sala de aula revelam atitudes e expectativas de alunos frente ao processo de aprendizagem e possibilitam aos alunos outras possibilidades de falar sobre os conteúdos aprendidos em sala de aula.

Cameron (2008) mostrou como metáforas em conversas de reconciliação desvelam idéias chave e mudam as atitudes dos participantes, conforme o processo de reconciliação evolui por meio de deslocamentos metafóricos, i.e. deslocamento do veículo (*vehicle re-deployment*), desenvolvimento do veículo e literalização do veículo (p. 61).

As análises de corpora têm apontado para o fato de metáforas serem usadas em conversas e conceitualizações de questões políticas e como elas contribuem para a formação de atitudes e valores (CHARTERIS-BLACK, 2009). O discurso metafórico e o não metafórico se interconectam na concretização de objetivos discursivos, ao passo que as metáforas mudam na fala dos próprios participantes e entre participantes nas interações. Cada instanciação metafórica está fortemente encaixada no seu contexto discursivo imediato. À medida que se identificam, no fluxo da conversa, padrões do uso de metáforas que sugerem padrões de criação de significados, é necessário se encontrar maneiras para se manter o contexto vivo e ativo. Isso é importante para que se proceda à detecção de padrões metafóricos que emergem na dinâmica da interação. Por exemplo, não basta se atribuir apenas um suposto mapeamento conceitual (i.e. TERRORISMO É GUERRA) se, numa interação discursiva, o termo *bullying*, traduzido, aproximadamente, como “provocação ameaçadora”, é utilizado para se referir ao terrorismo. Em inglês, este termo se relaciona a um esquema cultural no qual uma criança maior ou mais velha oprime uma vítima menor e mais nova, geralmente no cenário escolar. Parece então ficar evidente que o termo *bullying* é utilizado pelo falante, a partir de sua crença no compartilhamento desse conhecimento socioculturalmente estabelecido (MACEDO, 2010). Traçando um paralelo, atos terroristas que são metaforicamente vistos como covardes e socialmente inaceitáveis, assim como o ato de violência descrito em inglês pelo termo *bullying* (CAMERON et al., 2009). O processo de listagem e separação das metáforas necessita manter o contexto em evidência. Isso provê um critério para a seleção de ferramentas que auxiliam na análise dos dados.

Neste trabalho, buscamos mostrar como o nome da torcida de um clube de futebol da capital mineira é mencionado por uma participante em um grupo focal com um uso metonímico em uma interação em que os participantes relatam a sua experiência com violência urbana na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

### 3. A torcida Galoucura

A Galoucura foi fundada em 1984 apenas com quatro componentes, hoje já são mais de 50 mil sócios inscritos espalhados não só por Minas Gerais, mas por todo o Brasil. Segundo informações sobre a história da torcida no site “torcidagaloucura”<sup>2</sup> do Grêmio Cultural e Recreativo Torcida Organizada Galoucura, cujo lema é garra, determinação e respeito, Galoucura significa “loucura pelo Galo”, o símbolo do Clube Atlético Mineiro. A estreia da Galoucura ocorreu no Mineirão num clássico contra o maior adversário, o Cruzeiro. O jogo terminou empatado, mas a estreia foi empolgante, tanto que muitas pessoas a procuraram em seguida, dizendo que a Galoucura parecia ter fôlego e disposição para fazer alguma coisa diferente e bem maior do que existia até então em termos de torcida. Consta também no *site* da torcida Galoucura a chamada “Paz e Justiça! A nossa onda é torcer sem violência!”. A torcida Galoucura possui uma sede e sub-sedes, uma escola de Jiu-Jitsu e a Escola de Samba Mancha Alvi-Verde, seguindo uma tendência das torcidas organizadas de estarem ligadas a uma escola de samba. Em 2010, a Galoucura teve seu nome associado a um crime, em que torcedores do Atlético Mineiro espancaram até a morte um cruzeirense, membro da torcida Máfia Azul, na saída de um evento esportivo em uma região central de Belo Horizonte. Membros da diretoria da Galoucura foram presos, e os advogados alegam que a Justiça só decretou a prisão deles por causa do clamor público causado pelo crime, ou seja, pela comoção e indignação da sociedade diante daquele assassinato, cujas cenas foram registradas pelas câmeras de um *shopping* e amplamente divulgadas na mídia. Os integrantes da torcida organizada foram denunciados pelo Ministério Público de Minas Gerais por formação de quadrilha, tentativa de homicídio qualificado e homicídio qualificado<sup>3</sup> (Estado de Minas Gerais, 05.12.2011). É importante resgatar o papel da

---

<sup>2</sup> Fonte: <http://www.torcidagaloucura.com.br/tog/historia/index.htm>

<sup>3</sup> [http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/12/05/interna\\_gerais.265848/justica-nega-mais-um-pedido-e-mantem-integrantes-da-galoucura-presos.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/12/05/interna_gerais.265848/justica-nega-mais-um-pedido-e-mantem-integrantes-da-galoucura-presos.shtml)

mídia nessa atitude social de repúdio à violência e de pressão sobre autoridades pela punição dos culpados pelo crime.

#### 4. Metodologia da pesquisa

O método de análise dinâmica do discurso guiado em metáforas (CAMERON et al. 2009) se move constantemente por vários níveis que envolvem sistemas dinâmicos: o micronível de uma dada metáfora, os níveis intermediários de episódios de fala e veículos metafóricos, o macronível da conversação como um todo, finalmente tudo se insere dentro de um nível sociocultural mais amplo. A análise não é indutiva, de baixo para cima (*bottom-up*), baseada numa abordagem que ignora a possibilidade da existência de metáforas conceituais; nem dedutiva, de cima para baixo (*top-down*), partindo da premissa que cada instância de metáfora na interação seria uma expressão linguística licenciada por metáforas conceituais. Trata-se de um processo interativo e recursivo que vai dos dados resultantes da interação no grupo focal ao contexto social maior (MACEDO, 2010).

Trabalhamos com *corpora* oriundos da gravação e filmagem de um grupo focal, buscando identificar e analisar metáforas recorrentes em seus discursos para sentimentos de agressividade e/ou outras noções referentes a situações de violência experimentadas por adultos, vítimas diretas ou indiretas de violência urbana. Os informantes foram selecionados entre frequentadores de cursos acadêmicos em nível de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, na faixa etária entre 18 e 40 anos. Onze pessoas participaram da pesquisa, sendo sete mulheres e quatro homens. Os nomes dos participantes foram modificados para pseudônimos, a fim de preservar o sigilo de sua identidade. A participação de cada informante foi voluntária e todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido concordando em participar da pesquisa.<sup>4</sup> A duração máxima do período de discussão em grupo foi de 80 minutos. Treze perguntas foram lançadas uma a uma para o grupo, conforme procedimentos previamente adotados quando da coleta de dados para o projeto sobre metáfora e violência urbana no Ceará. As discussões foram filmadas e transcritas para análise. Identificamos nas interações os tópicos discursivos, narrativas, veículos metafóricos, metáforas e metonímias sistemáticas referentes à conceitualização da violência no futebol, nosso objeto de estudo. Os dados foram codificados para

---

<sup>4</sup> Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG em 2011.

identificar as metáforas e metonímias, assim como narrativas pessoais e cenários. Metáforas individuais foram agrupadas para se encontrar padrões sistemáticos de metáforas.

## 5. Análise dos dados e discussão

### 5.1 Violência urbana

No primeiro excerto a seguir, vemos como o tópico metafórico é desenvolvido por meio de uma repetição do veículo (é peessoa bem arrumada, porte social mais fino, mais elegante, peessoa mais arrumada). De acordo com Cameron (2008, p. 53), o desenvolvimento de um veículo frequentemente forma uma parte chave na explicação de uma ideia por meio de metáforas. Com efeito, ao concluir a sua intervenção na discussão, o participante Bruno<sup>5</sup> resume a fala com a metáfora linguística é a maquiagem que a pessoa [...] faz.

**Bruno:** Eu trabalho com comércio e..  
ser assaltado é,  
assim,  
uma coisa normal pra gente.. [risos]..  
aí você acaba de ser assaltado e chega alguém lá  
<o que que aconteceu aí, que vocês tão assim..>  
<fomos assaltados sabe..  
o de sempre> [risos]..  
mas assim,  
a maioria das vezes..  
é peessoa bem arrumada,  
peessoa assim, que tem um..  
um porte social mais fino, mais elegante..  
não é um mendigo que passa pedindo as coisas que assalta você,  
é sempre..  
uma peessoa mais arrumada..  
é a maquiagem que a pessoa..  
a pessoa faz..

O papel da mídia na banalização da violência é reforçado na fala de Marcela em que ela menciona o que é mostrado na televisão diariamente: passa na televisão aí as repetidas ações de agentes de violência. O veículo metafórico, utilizado por Bruno, é retomado e desenvolvido por Marcela (*vehicle development*), por meio de uma explicação do veículo (CAMERON, 2008, p. 57), ao afirmar vou andar bem vestido, ninguém vai suspeitar. A metáfora sistemática<sup>6</sup> que emerge nessa interação é *VIOLÊNCIA*

<sup>5</sup> Nome fictício atribuído por membros do grupo de pesquisa.

<sup>6</sup> *Metáfora sistemática* é um conceito proposto por Cameron et al. (2009). A metáfora sistemática aparece na interação entre os participantes no grupo focal ao discutir um assunto. Ela é um fio encadeador na



*URBANA É DESEMPENHAR PAPÉIS.* É recorrente nos dados das vítimas tanto a descrição de como elas lançam mão de alguns artifícios para não serem vítimas de assalto, como a estratégia dos agentes de violência de se vestir bem para se aproximar da vítima. Essa seria a maquiagem referida por Bruno, i.e. tanto a vítima recorre a um disfarce, por exemplo vestindo-se de maneira mais simples ou usando um carro popular para não ser assaltado, como o ladrão também lança mão de uma maquiagem, ao se vestir com roupas de melhor qualidade para não levantar suspeitas sobre o seu papel de agente da violência por parte da vítima. Tal troca de papéis confunde as vítimas que acabam por permitir que o ladrão se aproxime dela e cometa o assalto.

**Marcela:** também acho.  
A pessoa já pensa..  
<vou andar bem vestido,  
ninguém vai suspeitar>..  
tem altos lugar que passa na televisão ai..  
padaria que já foi assaltada sete vezes num mês..  
é um absurdo..  
é um absurdo você pensar que um mesmo lugar..  
um lugar foi assaltado sete vezes..

Ao se vestir melhor, o agente de violência consegue se aproximar da vítima mais facilmente para assaltar, já que a vítima não vai levantar suspeita se o agente estiver bem vestido.

## 5.2 Violência urbana e futebol

Durante a discussão no grupo focal, a participante Patrícia relata como reagiu a uma tentativa de assalto na cidade de Belo Horizonte. Tendo em vista que a participante já havia sido assaltada sete vezes, ela resolveu reagir, comunicando ao agente da violência que ela é membro de uma conhecida torcida organizada, a torcida Galoucura do Clube Atlético Mineiro (C.A.M.), time cujo símbolo é representado por um galo e que é referido simplesmente como o “Galo” (SILVA, 2009). Essa torcida teve o seu nome ligado recentemente ao bárbaro assassinato de um torcedor do time rival. Portanto, o nome da torcida Galoucura, assim como o de outras torcidas organizadas em Belo Horizonte, como, por exemplo, a torcida Máfia Azul, do Cruzeiro, é relacionada, automaticamente, a alguns incidentes violentos já registrados entre torcedores na cidade.

**Patrícia:** Teve uma vez que o cara tentou me assaltar,  
aí eu virei pra ele  
<qual é rapaz, aqui é galoucura..

---

interação, sendo utilizada e retomada várias vezes pelos interactantes. Por convenção, as metáforas sistemáticas (MetSis) serão grafadas em itálico.

cê vai mexer comigo, cê é doido?> [riso]..  
aí ele saiu correndo, velho..  
saiu correndo de mim!  
Ele ficou com o maior medo..

**Bruno:** Nó e eu passo mesmo..  
não to nem f..  
morrer de graça não..

**Patrícia:** Eu já tô muito experiente em assalto..  
já fui assaltada sete vezes..  
da última eu falei..  
da última eu fui esperta, meu filho, agora..  
agora eu sei que eu sou da galoucura [risos]  
agora ninguém me assalta mais não.

A participante Patrícia utiliza uma metonímia sistemática que veicula a imagem de um CONTÊINER (DENTRO/ FORA) para referir a sensação de proteção por pertencer a um grupo, i.e. o sentimento de estar DENTRO, no caso dentro do grupo da torcida da Galoucura. Galoucura funciona como uma metonímia NOME pela AÇÃO, em que o nome Galoucura é automaticamente identificado com as ações violentas perpetradas por membros da torcida Galoucura. Ao proferir aqui é Galoucura, Patrícia aciona intencionalmente a inferência de que, se o agente de violência causar algum dano a ela, estará agindo contra a torcida, estabelecendo uma relação metonímica de PARTE-TODO. Ao falar agora eu sei que eu sou da Galoucura, Patrícia também aciona a possível inferência de que inventou que é membro da Galoucura para motivar a sensação de medo no seu interlocutor. O submodelo com propriedades comuns que reúne semelhanças de família para configurar a categoria VIOLÊNCIA é o que congrega as propriedades AGENTE PERCEPTÍVEL, AÇÃO DIRETA, EMPREGO DA FORÇA FÍSICA e DANO MATERIAL (FELTES, 2007, p. 263), enfim todas propriedades relacionadas com atividades com as quais a imagem da torcida Galoucura está relacionada.

## 6. Considerações finais

Vimos, no presente artigo, como metáforas e metonímias sistemáticas são utilizadas pelos participantes de um grupo focal, a fim de discutir a sua experiência e expressar suas emoções como vítimas diretas e indiretas de violência urbana. Os dados aqui apresentados revelam como os participantes do presente estudo recorrem a “estratégias de sobrevivência” – ou seriam “estratégias de resistência”? – à violência urbana. Um participante do grupo focal, Bruno, recorre à metáfora maquiagem para

descrever como as pessoas procuram disfarçar a sua condição social para evitar despertar a atenção do agente da violência. Outra participante relata como se fez passar por um membro de uma torcida organizada de Belo Horizonte, identificada como uma torcida com membros violentos, para não ser assaltada. Nesse caso, a participante Patrícia lança mão de uma metonímia sistemática que é retomada na sua fala aqui é Galoucura, retomada com a afirmação agora eu sei que eu sou da Galoucura. Ela também se identifica como um indivíduo que está DENTRO do grupo de torcedores da Galoucura e que, por isso, receberá a proteção do grupo e deve ser evitada como vítima do agente da violência. Ao se identificar como membro da torcida Galoucura, ela também está assumindo um novo papel, a fim de ser respeitada pelo agressor.

Vimos, portanto, como metáforas e metonímias sistemáticas são utilizadas por participantes de um grupo focal ao expressar a sua experiência e as suas emoções com relação às experiências de violência urbana vivenciadas na cidade de Belo Horizonte.

## Referências

- CAMERON, L. **Metaphors in educational discourse**. London: Continuum, 2003.
- CAMERON, L. Metaphor shifting in the dynamics of talk. In: ZANOTTO, M.; CAMERON, L.; CAVALCANTI, M. (Org.) **Confronting metaphor in use: an applied linguistic approach**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 45-62.
- CAMERON, L.; MASLEN, R.; TODD, Z.; MAULE, J; STRATTON, P; STANLEY, N. The Discourse Dynamics Approach to Metaphor and Metaphor-led Discourse Analysis. **Metaphor and Symbol**, 24(2), p. 63–89, 2009.
- CHARTERIS-BLACK, J.; MUSSOLF, A; ZINKEN, J. (Ed.) **Metaphor and discourse**. London: Palgrave Macmillan, 2009.
- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- ESTADO DE MINAS, 05.12.2011. Disponível em: <[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/12/05/interna\\_gerais,265848/justica-nega-mais-um-pedido-e-mantem-integrantes-da-galoucura-presos.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2011/12/05/interna_gerais,265848/justica-nega-mais-um-pedido-e-mantem-integrantes-da-galoucura-presos.shtml)>. Acesso em: 15 mar. 2012.
- FELTES, H. P. M. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- FERREIRA, L. C. Futebol e metáfora na mídia. **IX CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO**. CD-Rom. FALE, UFMG, Belo Horizonte, 2011.
- FERREIRA, P. **Futebol é religião**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

GARCIA, A. Mapa da violência no Brasil. Entrevista com Miriam Leitão. **BOM DIA BRASIL**. Disponível em: <[http:// www.g1.com.br](http://www.g1.com.br)>. 30.03.2011. Acesso em: 14 mar. 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MACEDO, A. C. P. **Metáfora, cognição e cultura**: um estudo sobre conceitualizações de violência urbana em Fortaleza-Ceará-Brasil. Projeto PIBIC. PPGL, UFC, Fortaleza, 2010.

MURAD, M. **Violência e futebol**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

MUSSOLFF, A.; ZINKEN, J. **Metaphor and discourse**. London: Palgrave, 2009.

SILVA, M. R. A cidade dividida nas charges de Mangabeira. Z Cultural. **Revista Virtual do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, ano 6, n.1. Disponível em: <[http:// http://www.pacc.ufrj.br/z/ano6/1/marcelino.php](http://http://www.pacc.ufrj.br/z/ano6/1/marcelino.php)> Acesso em: 15 mar. 2012.

PAULA, L. A história da galoucura. **Multiply**, 2007. Disponível em: <<http://torcidagaloucura.multiply.com/>> Acesso em: 15 mar. 2012.

HISTÓRIA. Disponível em: <<http://www.torcidagaloucura.com.br/tog/historia/index.htm>> Acesso em: 15 mar. 2012.

CLUBE ATLÉTICO MINEIRO. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.atletico.com.br/site/>> Acesso em: 15 mar. 2012.